

## RESSIGNIFICAÇÃO DO OLHAR SOBRE A NIGÉRIA EM CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Jadlla Cruz do Amparo<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este estudo visa analisar como se dá o processo ressignificação do olhar sobre a Nigéria, ex-colônia britânica que sofreu as consequências desse processo de colonização em sua formação identitária e histórica. Apesar da ideia de África como continente detentor de uma história onde a seca, a fome, a AIDS, a selvageria e a pobreza imperam, outras histórias existem e estão sendo contadas pelos escritores africanos. Dentre eles, destacamos Chimamanda Ngozi Adichie, um nome significativo da literatura nigeriana em língua inglesa. Assim, buscamos perceber como o conto *“The Time Story”* (2010) e a palestra *“The Danger of a single story”* (2009) podem ser considerados textos mestiços que contribuem para a desconstrução da história única sobre a Nigéria, e promovem a ressignificação de olhares sobre a África e os africanos. Fundamentamos o estudo nas teorias de Hall (2006) sobre identidade cultural; nos conceitos sobre mestiçagem textual de Nouss e Laplantine (2012); nas teorias de Iser (1999) sobre imaginário e ficção; e no conceito de história única de Adichie (2009). No conto, a partir da aproximação dos personagens *Ujuaku* e *Matt*, a autora demonstra que é possível conhecer os outros lados de uma história tradicionalmente única por meio do conhecimento e da alteridade.

**PALAVRAS- CHAVE:** Literatura Nigeriana; Ressignificação; Alteridade.

**ABSTRACT:** This study aims to analyze how occurs the process of resignifying the look on Nigeria, a former British colony that suffered the consequences of this process of colonization in its identity and historical formation. Despite the idea of Africa as a continent that holds a history where drought, hunger, AIDS, savagery, and poverty rule, other histories exist and are being told by African writers. Among them, we highlight Chimamanda Ngozi Adichie, a meaningful name of Nigerian literature in English language. Thus, we seek to perceive how the tale *“The Time Story”* (2010) and the lecture *“The Danger of a single story”* (2009) can be considered mestizo texts that contribute to the deconstruction of the unique history about Nigeria, and promote the resignification of looks on Africa and its people. We based the study on the theories of Hall (2006) about cultural identity; on the concepts regarding textual miscegenation of Nouss and Laplantine (2012); on the theories of Iser (1999) about imaginary and fiction; and on the concept of unique history of Adichie (2009). In the tale, from the approximation of the characters *Ujuaku* and *Matt*, the author demonstrates that it is possible to know the other sides of a traditionally unique history through knowledge and alterity.

**KEYWORDS:** Nigerian literature; Resignification; Alterity.

A categorização é um fator natural na cognição humana. De fato, a todo momento, tendemos a colocar pessoas e coisas em categorias para distingui-las em grupos com a intenção de facilitar sua identificação. James Duff Brown(data), criador do único sistema geral de classificação da Inglaterra, afirma que ela nada mais é do que um sistema mental que trabalha

---

1- Mestranda em Letras: linguagens e representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz- UESC. E-mail: jadllacruz@hotmail.com

constantemente de forma consciente e inconsciente por qualquer ser humano, ainda que não seja reconhecido como tal.

Esse processo mental nos acompanha desde a Grécia Antiga e era praticado por alguns filósofos como Aristóteles (data), que é considerado um dos pioneiros na introdução do processo de classificação do conhecimento humano sob as bases filosóficas. Essa prática aristotélica relacionava-se à divisão dicotômica dos objetos em gênero e espécie. Posteriormente, na tentativa de organizar o conhecimento, surgiram vários tipos de classificação que extrapolaram os muros da filosofia e contribuíram (contribuem) grandemente para o campo científico.

Apesar de sua relevância científica em todas as áreas, e principalmente para o conhecimento biológico (classificação biológica de Darwin, por exemplo), o pensamento classificatório pode nos levar (e levou) muitas vezes a um olhar para as coisas do mundo a partir de concepções binárias baseadas no *isto ou aquilo*. Tais concepções podem nos levar a purismos e exclusões além de nos fazerem enfatizar apenas as diferenças.

Tratando de concepções sobre a cultura e identidades culturais, muitas pesquisas no campo da Sociologia comprovam que quando o objetivo é categorizar ou classificar informações sobre grupo de pessoas, há uma certa tendência em enaltecer as diferenças entre esses grupos. Tal tendência acaba por alimentar um pensamento dicotômico e excludente sobre a cultura: *o que é meu e o que é do outro; o que é do centro e o que é da periferia; o que é alto e o que é baixo, etc.* Nesse sentido, a cultura passa a ser tratada como pura e imutável, como algo preso a um cordão umbilical que liga a tradição ao seu povo.

Os produtos da cultura, como as linguagens e os textos que circulam a todo o momento nas sociedades como formas de comunicação, também são muitas vezes tratados a partir de ideias classificatórias e dicotômicas. Os gêneros textuais, e outros signos, por exemplo, muitas vezes ainda são ensinados e aprendidos a partir de concepções fechadas e não dialógicas da linguagem: *ou é receita, ou carta, ou texto literário, ou palestra etc.* Esse movimento vai de encontro àquilo que Bakhtin (1993) chama de dialogismo, elemento constitutivo da linguagem. O dialogismo pressupõe um princípio constante de comunicação com o outro, que se projeta a partir de discursos variados.

O problema com os essencialismos é que eles nos levam a estereótipos e preconceitos. Levam-nos a contar e reproduzir histórias únicas sobre o outro. Quando pensamos em África, por exemplo, percebemos que passado muito tempo, as pessoas ainda têm uma visão única desse continente. Essa história única de África foi sendo construída ao longo do tempo e tal construção ocorreu enquanto os países africanos eram colônias dos países europeus. Foi a partir

dessa relação, que esse modelo de história única do continente foi criado e depois apresentado ao mundo por intermédio dos meios de comunicação.

Ainda que muitos enxerguem a África como continente detentor de uma história única e soberana, diversas histórias existem e estão contadas ou recontadas pelos escritores africanos. Através de um processo de descolonização, esses escritores mostram que em seu país, além de haver essa situação de miséria, há outras histórias possíveis de serem contadas e apresentadas ao mundo. Dessa forma, o processo de descolonização, no qual os escritores africanos estão inseridos, age no sentido de desconstruir e romper com a história que outrora fora construída pelos países europeus. Além disso, há também o reconhecimento do caráter híbrido e dialógico das culturas africanas por meio da apresentação dos elementos culturais familiares ao ocidente, mostrando que em meio aos estereótipos e as diferenças tão enfatizadas, há semelhanças que antes muitos não imaginavam.

Diante da discussão descrita acima, o objetivo deste trabalho é o de analisar de que forma o conto “*The Time Story*” (2010) e a palestra “*The danger of a single story*” (2009), ambos da escritora nigeriana Chimamanda Adichie, podem ser encarados como textos mestiços que contribuem para a desconstrução da história única sobre a Nigéria, e promovem a ressignificação de olhares sobre África e os africanos. Para tal, foram traçados os seguintes objetivos específicos: realizar pesquisa bibliográfica a fim de esclarecer os conceitos de mestiçagem, identidade cultural e dialogismo; identificar os códigos mestiços e os pontos de diálogo entre o conto e a palestra; e por fim, descrever de que forma os dois textos promovem a ressignificação dos olhares sobre África.

Nesse sentido, para a análise aqui proposta, foram utilizados como fundamentação teórica os conceitos de Hall (2006) sobre identidade cultural e cultura nacional; as discussões em torno das teorias sobre mestiçagem de Laplantine e Nouss (2012); serão tomadas ainda as contribuições de Iser (1999) sobre imaginário e ficção; e o conceito de história única de Chimamanda Adichie (2009). Todas as fontes teóricas mencionadas se relacionam entre si (em maior ou menor grau) e são de extrema importância para entendermos os sentidos presentes no conto escolhido.

Vale destacar que, ao falar de diálogo entre culturas não se pode perder de vista as relações de poder sempre inscritas nas relações sociais, pois o objetivo não é abafar as relações de dominação também sempre presentes. O que de fato se quer demonstrar aqui é a problemática que gira em torno da concepção essencialista da cultura e dos produtos culturais, pois todos os povos e culturas que habitaram o globo passaram/passam por zonas de contato que resultaram em influências culturais de mão dupla.

## **Identidade cultural e mestiçagem**

Como já mencionado nas linhas introdutórias da pesquisa, a identidade cultural é comumente encarada como algo fixado no indivíduo desde o seu nascimento, como parte da natureza, transferida através de níveis de parentesco e da linhagem nos genes. Seria um laço tão forte que, mesmo que o indivíduo precisasse se mudar da sua terra natal por razões diversas, o sentimento de pertencimento àquele lugar estaria sempre presente e acompanhado do desejo de retorno às raízes. De acordo com Stuart Hall, essa ideia de identidade cultural se tornou parte “do nosso recém-construído senso coletivo do eu, profundamente inscrita como subtexto em nossas histórias nacionalistas”. (HALL, 2006, p.28)

No entanto, ele assume que tal concepção apresenta uma noção fechada de tribo e de pátria. A identidade cultural é então considerada dentro desse contexto como atemporal e imutável, e a tradição como um cordão umbilical, cujo teste é a fidelidade às origens, sua autenticidade. Hall completa afirmando o conceito de identidade cultural, principalmente em situações de diáspora, parte de uma oposição rígida entre o dentro e o fora, e que as questões de identidade cultural não podem ser pensadas dessa forma, pois se tornam múltiplas, vez que a própria cultura possui caráter híbrido. “A verdade é que as sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas”. (HALL, 2003, p.30)

A identidade cultural é então resultado da fusão de diferentes elementos culturais: africanos, asiáticos, europeus e americanos que se mesclaram na fornalha da sociedade colonial. Muitos povos possuem suas raízes nos quatro cantos do globo. É a partir da transculturação que as identidades culturais são transformadas a partir do contato que estabelecem umas com as outras. A língua, os costumes, a culinária e outras características que fazem parte da cultura desses povos dialogam de tal forma que não há como delimitar fronteiras rígidas entre elas. Dentro dessa perspectiva, não é mais relevante definir aquilo que é meu/seu, em termos de cultura, dentro desse contexto de mistura (se é que foi possível algum dia).

A ideia de nação e pertencimento nacional é tema relevante dentro do debate sobre identidade cultural. A definição de nação proposta por Anderson (2008) caracteriza a nação como uma comunidade imaginada (aproximando-se do parentesco e da religião). A nação seria imaginada porque tem valor simbólico para os seus compatriotas:

Ela é imaginada porque mesmo que os membros da mais minúscula das nações jamais conheçam, encontrem, ou ouvirem falar da maioria dos seus companheiros de nação, todos têm em mente a imagem de comunhão entre eles. (ANDERSON, 2008, p.32)

Essa ideia de nação imaginada fica clara quando pegamos como exemplo as situações cotidianas em que um brasileiro que mora há anos no exterior encontra outro indivíduo da mesma nacionalidade. Por mais que essas duas pessoas nunca tenham se visto, ou conversado antes, elas compartilham entre si um sentimento nacional de unidade, quase como se pertencessem à mesma família. Por fim, a nação seria imaginada como comunidade, na medida em que estabelece a ideia de um “nós” coletivo independente das desigualdades e hierarquias que as compõe. Essa ideia de comunidade,

Essas discussões se aproximam das teorias desenvolvidas sobre mestiçagem. Apesar da ocorrência antiga, pois o diálogo entre culturas é um fenômeno inevitável que sempre existiu, a mestiçagem é um estudo recente. De acordo com Martín-Barbero, ela é o que nos constitui, “é razão de ser tecido de temporalidades e espaços, memórias e imaginários que até agora só a literatura soube exprimir” (BARBERO, 2003, p. 271).

Laplantine e Nouss (2012) trazem também uma grande contribuição para se pensar a mestiçagem. O propósito dos autores é contribuir para transformar a noção (que era familiar apenas para a área da biologia) em conceito, mostrando sua pertinência e legitimidade em campos extremamente diversificados. A essência da mestiçagem seria a confrontação e o diálogo. Ela seria “uma composição cujos componentes guardam a sua integridade” (LAPLANTINE; NOUSS, 2012, p. 10)

A mestiçagem está inserida nos processos de formações culturais e linguísticas, e isso é fato em qualquer estudo que se debruce sobre a questão. Mas, como definir o conceito de mestiçagem? De acordo com os autores já mencionados, o conceito escapa das definições rígidas. Logo, não há como definir o que é mestiçagem, “nós podemos, porém, tentar nos aproximar de uma definição do que ela não é” (LAPLANTINE; NOUSS, 2012, p. 75). Não se pode pensar a mestiçagem como algo que é heterogêneo em relação com o que a precederia. Isso seria se prender a um raciocínio dualista, um “pensamento da separação que determina a organização binária de nosso espaço mental” (LAPLANTINE; NOUSS, 2012, p. 71). Dessa forma a mestiçagem, não seria apenas um conceito, mas um lugar privilegiado do pensar e do fazer artístico.

Outros pensadores também travaram discussões sobre formas de representação mestiça (mesmo que os nomeando de outra forma). Bakhtin (1993), por exemplo, trata do dialogismo, que rompe com a ideia de ordem, com as categorizações convencionais e absolutas. O dialogismo pressupõe um princípio constante de comunicação com o outro, que se projeta a partir de discursos variados. Nesse sentido, a interação com o outro é o pressuposto para a concepção de linguagem que recusa qualquer forma fechada de encarar as questões da língua.

Dessa maneira, fica claro que a concepção dialógica criada por Bakhtin (1993) e propagada por Beth Brait (2005) se aproxima bastante da ideia de mestiçagem e dos códigos mestiços.

Diante de todo o exposto até aqui, vale sintetizar que a cultura é uma produção. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ser, mas de se tornar, de se construir e (re) construir ao longo do tempo. A alternativa não é apegar-se a modelos fechados, unitários e homogêneos de pertencimento cultural, mas abarcar os processos mais amplos no jogo da semelhança e da diferença que transformam a cultura no mundo inteiro.

Quando há um muro e fronteiras muito precisas entre o eu e o outro, não há brecha para alteridades, para o reconhecimento das zonas de contato, dos dialogismos e, sobretudo para o desenvolvimento do conhecimento sobre o outro (fator tão relevante também para o autoconhecimento). Dentro dessa perspectiva, o hibridismo cultural, tão trabalhado por nomes como Hall (2006), Said (1995), Bhabha (2005), e tantos outros acaba sendo negligenciado em nome de uma essência cultural, do purismo, e de certo sentimento de superioridade que talvez nunca tenha de fato existido entre os povos que habitaram/habitam o mundo inteiro.

### **Imaginário social**

Além das questões já levantadas sobre identidade cultural e mestiçagem. É de extrema relevância tratar teorias acerca do imaginário social, pois ele se caracteriza como um dos elementos motivadores e reprodutores de estereótipos. O imaginário segundo Iser (1999), não pode ser definido, pois se trata de um elemento imaterial, suas noções fogem ao conceito concreto. Apesar disso, é possível traçar noções superficiais acerca do imaginário que facilitam o entendimento.

Quando pensamos em imaginário, logo nos vem à mente algo relacionado à imaginação ou fantasia. De acordo com Iser, Imaginário está relacionado à imagem, e não à imaginação. O imaginário coletivo se caracteriza como o conjunto de imagens (símbolos) que circulam em uma dada sociedade. Podemos ainda entender imaginário como valores ou “formas de perceber” que de alguma maneira constroem a imagem de um povo. Todavia, vale ressaltar que “o imaginário é espontâneo” (ISER, 1999, p.67). A partir de processos históricos e culturais, as imagens vão sendo construídas e reproduzidas sem intenção, como produto das relações sociais.

Ainda segundo Iser, o imaginário não é um elemento autoativável, precisa ser motivado a agir. A intencionalidade não pode produzir por si mesma aquilo que tem em mira. “Tal produção só ocorre quando o imaginário é estimulado e com isso ativado”. (ISER, 1999, p.70). Nesse contexto, a obra literária possui o papel de motivador do imaginário, pois através dela ele ganha forma concreta.

Motivadas a agir, as representações sociais se manifestam para além do real, ganhando espaço para se manifestar em diversas formas como novela, filme, causo e literatura que Iser chama de ficção. “O fictício compele o imaginário a assumir forma, ao mesmo tempo em que serve como meio para manifestação deste. O fictício tem de ativar o imaginário”. (ISER, 1999, p.70)

Como representação do real, a obra literária acaba por carregar em si o imaginário de uma dada sociedade. Através da obra literária, outros imaginários podem ser construídos; nós podemos ver imaginários sendo reproduzidos e reafirmados; ou imaginários sendo desconstruídos na medida em que outros se constroem. De acordo com Fernandes:

Então existe um espaço para a literatura na construção do imaginário social. Nas Luzes este espaço foi exclusivo da ciência, assim como nas Trevas foi exclusivo da religião. Porém, hoje, na Penumbra, pode haver espaço para a arte participar do imaginário (lembranças e esquecimentos) que regem as relações de poder. (FERNANDES, 2009, p.6)

Como já mencionado, o imaginário está relacionado ao processo histórico de uma determinada sociedade. No caso dos africanos, esse imaginário está diretamente ligado ao período colonial e, por ter sido construído a partir de uma visão privilegiada socialmente, esse imaginário é reproduzido como verdade única por outras sociedades.

Para os europeus colonizadores, a posição de inferioridade dos colonizados era um fato inquestionável. As colônias eram consideradas como estados não desenvolvidos que jamais poderiam se desenvolver sem a assistência imperial. Esse discurso aliado a todo processo histórico de subalternidade de certa forma deu origem ao imaginário do povo africano como um povo inferior, culturalmente atrasado, incapaz de lutar e resolver os próprios problemas, que espera e necessita da ajuda do homem branco para desenvolver-se. Tais questões estão presentes no conto *The time story* (2010) e na palestra *The Danger of a Single Story* (2009) abordadas adiante.

### ***The Time Story* e *The Single Story*: mestiçagem textual para ressignificação do olhar sobre o outro**

É possível afirmar, diante das teorias abordadas, que a palestra *The Danger of a Single Story* (2009), e o conto *The Time Story* (2010) são textos mestiços. Para fundamentar tal hipótese, se faz necessário selecionar de alguns pontos cruciais em que esse diálogo se torna mais perceptível. Os pontos de diálogo a serem apresentações contribuem para que se reconheça a influência que um texto desempenha sobre o outro, revelando a proposta da escrita de Chimamanda Adichie em diálogo com suas experiências de vida pessoais.

A palestra carrega o conceito de **história única** (que também a nomeia), criado pela autora do conto que estudamos aqui, Chimamanda Adichie e apresentado por ela, em 2009, numa das conferências realizadas pelo TED. Ele está diretamente relacionado ao conceito de imaginário social criado por Iser. De acordo com Alves (2012), a história única seria uma única fonte de influência, uma única forma de se contar histórias, de se considerar como verdadeira a primeira e única informação sobre algum aspecto de um povo ou indivíduo.

Ela ainda afirma que:

Os sentidos das falas de Chimamanda abrem a perspectiva para a compreensão da diferença, do tratamento do africano e seu continente pelo olhar ocidental do homogeneizador e da imersão na estereotipização contínua e discriminação das identidades culturais inferidas pelos inúmeros instrumentos de controle às pessoas. (ALVES, 2012, p.2)

É importante mencionar que tais conceitos defendidos por Chimamanda sugiram a partir de experiências pessoais, as quais ela menciona em sua palestra e nos ajuda a entender melhor o conceito de história única e como ela é construída. Dentre as experiências pessoais, ela narra que, quando tinha 19 anos, foi estudar nos Estados Unidos e lá se deparou com episódios de *história única* sobre ela na condição de nigeriana. O primeiro e principal ponto de diálogo com o conto está no fato de que a personagem principal, Ujuaku, também é nigeriana e vai passar um tempo nos Estados Unidos. A diferença entre elas é que Ujuaku não vai como estudante, e sim para passar férias. Apesar disso, as situações pelas quais passam são de tamanha semelhança que seria possível tratar as experiências pessoais de Chimamanda como uma inspiração em potencial para seu escrito.

Outro ponto de diálogo está na relação que Ujuaku mantém com Matt – um nativo norte americano que ela conhece no mercado. Algumas situações e diálogos entre eles se aproximam de outros relatos da escritora, descritos a seguir.

O primeiro encontro de Matt e Ujuaku revela que o rapaz mantém um conhecimento limitado não só sobre a Nigéria, mas sobre todo o continente. Isso, segundo ela, fez o rapaz ter uma história única, marcada apenas por catástrofes:

"- Eu sou Matt", disse ele.

"- Eu sou Ujuaku".

Ele murmurou algo na tentativa de repetir o nome dela.

"- Oo-juu-ah-kuh", ela disse, seu rosto era inexpressivo.

"- Ujuaku", ele repetiu, balançando a cabeça para mostrar que o nome era tão bonito quanto ele pensou que era. Mas ela se afastou e ele temia que a oportunidade de conversar com ela estivesse indo embora.

"- É africano?"

"- Sim. Nigeriano."

Ele pensou em AIDS então. A revista Time mostrou o número de nigerianos que viviam com AIDS. Era um grande número. Mas pora Nigéria era tão

densamente povoada, não estava listada na coluna epidêmica, corou um vermelho sinistro, ao lado da África do Sul e do Zimbábue. (ADICHIE, 2010, p.16. Tradução nossa)

Nesse trecho, a autora apresenta que *Matt*, ao ler a notícia na revista sobre a Nigéria, reafirma todo o imaginário que ele já possui sobre o país e a África de modo geral. Para ele a história sobre a AIDS completa a outra parte da única história que ele conhece sobre aquele povo. Nesse sentido, ele pensa que a Nigéria é repleta de pessoas contaminadas com esse vírus e que por conta disso, morrem e deixam seus filhos órfãos. Em outro trecho, ele diz:

“Eu acabei de ler uma matéria da revista Time sobre a AIDS na África. Isso deve ser bem ruim”. (ADICHIE, 2010, p. 24. Tradução nossa).

*Matt* demonstra um sentimento de lamento, quase pena de *Ujuaku*. Tal acontecimento dialoga com o relato de Chimamanda em sua palestra, quando narra sua relação com sua colega de quarto. A autora conta que sua colega ficou surpresa com o seu nível de inglês, e ficou mais surpresa ainda ao saber que o inglês é a língua oficial na Nigéria. Ainda sobre sua colega de quarto, Chimamanda conta que ela ficou bastante desapontada quando pediu para ouvir a “música tribal” africana e escutou a fita da *Mariah Carey* que a nigeriana havia levado.

O que aproxima os dois relatos é que tanto *Matt*, quanto a colega de Chimamanda sentiram pena frente ao outro. Sobre isso, a escritora nigeriana afirma, em sua palestra:

[...] sentiu pena de mim antes mesmo de ter me visto. Sua posição padrão para comigo, como uma africana, era um tipo de arrogância bem intencionada, piedade. Minha colega de quarto tinha uma única história sobre a África. Uma única história de catástrofe. Nessa única história não havia possibilidade de os africanos serem iguais a ela, de jeito nenhum. Nenhuma possibilidade de sentimentos mais complexos do que piedade. Nenhuma possibilidade de uma conexão como humanos iguais. (ADICHIE, TED, 2009. Tradução Erika Barbosa, tradutora autorizada pela organização TED)

Sobra a ausência de identificação misturadas ao sentimento de estranhamento frente aos africanos, outro trecho do conto nos chama a atenção. Nessa parte, *Ujuaku* mostra para *Matt* fotos que refletem outras histórias da Nigéria. Ela mostra que em seu país também existem pessoas com nível social elevado, que possuem carros importados, usam joias e fazem refeições sofisticadas.

Ela lhe mostrou fotos em seu laptop. "Aqui é onde eu vivo", disse ela, apontando para uma casa azul alinhada em um quintal cimentado; "Essa é do casamento do meu primo em Abuja, nossa capital", ela disse sobre uma foto de três mulheres em bonés chiques colocados na frente de um Mercedes elegante; "Um amigo meu acabou de abrir um café", ela disse sobre uma foto dela, usando pérolas, rindo e segurando um croissant. As fotos o

surpreenderam. Ele não esperava que suas fotos de casa fossem tão familiares. (ADICHIE, 2010, p.28. Tradução nossa)

Na cena que segue, a personagem nigeriana, continua a desconstruir a imagem que *Matt* tem da Nigéria. Para ele, o país seria povoado apenas por negros, mas Ujuaku manifesta sua chateação com tal questionamento:

"Isso também é na Nigéria?", Perguntou ele. No fundo da foto, ele viu uma pessoa branca. (ADICHIE, 2010, Pág. 29)

'Sim, claro. Foi uma recepção no Consulado Britânico. Ela fez uma pausa e olhou para ele. "As imagens não são exóticas o suficiente para você" (ADICHIE, 2010, pág. 29. Tradução nossa).

Chimamanda, em *The Danger of a Single Story* (2009), conta um caso semelhante que aconteceu entre ela e um de seus professores. Ela afirma que a busca pelo exótico quando se trata do africano, é a construção de um muro que impede que eles sejam vistos como semelhantes aos ocidentais. Esse pensamento também é fruto do pensamento colonial, onde o negro escravo era considerado um ser de práticas animais.

Como um professor, que uma vez me disse que meu romance não era "autenticamente africano". Bem, eu estava completamente disposta a afirmar que havia uma série de coisas erradas com o romance, que ele havia falhado em vários lugares. Mas eu nunca teria imaginado que ele havia falhado em alcançar alguma coisa chamada autenticidade africana. Na verdade, eu não sabia o que era "autenticidade africana". O professor me disse que minhas personagens pareciam-se muito com ele, um homem educado de classe média. Minhas personagens dirigiam carros, elas não estavam famintas. Por isso elas não eram autenticamente africanos. (ADICHIE, TED, 2009) \*Tradução Erika Barbosa, tradutora autorizada pela organização TED.

É importante pensar que falar de história única é falar de poder, pois a forma como essas histórias são contadas e quem as conta depende diretamente do poder. De acordo com Chimamanda, poder não é só a habilidade de contar histórias sobre alguém, mas fazer dessas histórias conceitos definitivos sobre determinado povo, de maneira que todos pensem e as reproduzam como a única história verdadeiramente válida. Nesse contexto, vale retomar a conversa sobre o colonialismo, pois através desse momento histórico, o colonizador detentor de poder, criou várias versões de história única sobre o continente africano, encarada hoje como única verdade.

Nessa perspectiva, Chimamanda trata do perigo da história única na medida em que acreditar e reproduzir versões de uma única história sobre determinado povo, cria verdades limitadas, resultando em estereótipos. E o problema com estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que eles não sejam completos. Eles transformam a história em uma única história.

A consequência de uma única história é essa: ela rouba das pessoas sua dignidade. Faz o reconhecimento de nossa humanidade compartilhada difícil. Enfatiza como nós somos diferentes ao invés de como somos semelhantes. (ADICHIE, 2009)

\* Tradução Erika Barbosa, tradutora autorizada pela organização TED

Seu personagem *Matt* ficou surpreso ao descobrir que nada sabia sobre a Nigéria nem a África, tudo o que sabia era apenas um imaginário reproduzido pelo seu país de origem. *Matt* estava surpreso porque através da sua aproximação com *Ujuaku*, ele pode perceber quão pouco conhecia sobre a cultura nigeriana.

Matt ficou surpreso [...], ele poderia nunca ter encontrado Ujuaku, ele poderia nunca ter bebido vinho de palma ou comido moi-moi. Ele poderia não saber nada ainda sobre a África, exceto que as pessoas estavam morrendo de AIDS [...]. (ADICHIE, 2010, p. 35 a 36) \*Tradução nossa.

Dessa forma, Chimamanda deixa claro que aceitar uma história como única verdade pode ser uma atitude perigosa. O mesmo pode ter acontecido com os expectadores da palestra. Através da fala da autora, muitos tiveram a oportunidade de refletir sobre como olhar para o outro com um pouco mais de alteridade. Os pontos de diálogo claramente presentes no conto escolhido e na palestra, e nos fazem encarar a autora nigeriana como uma mulher que trabalha pela quebra de estereótipos não apenas sobre a Nigéria, mas todo o continente. A mestiçagem entre os textos oral e escrito funcionam como agentes de ressignificação.

Para ela, é preciso que as pessoas se envolvam, que conheçam as outras histórias não apenas dentro do seu círculo de convivência, mas das outras pessoas, outros povos. É preciso sair da bolha.

“Histórias importam. Muitas histórias importam.

Histórias tem sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida.[...] Quando nós rejeitamos uma única história, quando percebemos que nunca há apenas uma história sobre nenhum lugar, nós reconquistamos um tipo de paraíso.” . (ADICHIE, 2009)

\* Tradução Erika Barbosa, tradutora autorizada pela organização TED.

Ao conhecer mais de uma única história acerca de uma pessoa, lugar ou povo, o perigo de uma história homogênea, transmitido muitas vezes pelos meios de comunicação que também possuem um discurso hegemônico, pode ser evitado. A história com um direcionamento único faz com que as diferenças entre as pessoas sejam evidenciadas de modo negativo. A grande questão apresentada por Chimamanda é que a única história é uma descrição incompleta, sendo, na maioria das vezes, prejudicial à grande maioria dos povos.

Engajada em solucionar as questões levantadas, a escritora propõe o comprometimento com os dois lados da história, o que ela cita como “um equilíbrio de histórias”, e o desejo da descoberta por todas as histórias de determinado lugar ou de determinado ser humano. Do ponto de vista contemporâneo, em que se fazem presentes as discussões sobre o social, cultura, linguagens e identidades culturais, devemos falar (como afirma Hall), no lugar de identidade, em identificações, para percebermos que a identidade cultural é um processo sempre em andamento, nunca um produto acabado.

Através do estudo do conto *The time story* (2010) e da palestra *The Danger of a Single Story* (2009), conclui-se que assim como defende Chimamanda, acreditar em uma história como única verdade é uma atitude perigosa da medida em que reduz um determinado povo a estereótipos. No conto e na narração da escritora, vemos os (pré)conceitos sobre África serem confrontados com as experiências e os conhecimentos adquiridos a partir da convivência com o outro. Assim, concluímos que há a desconstrução de um imaginário sobre os africanos.

Ao trazer essa temática para suas obras, Chimamanda assume uma posição nos estudos culturais e pós-coloniais, pois trata das minorias destacando que as ex-colônias são tratadas como primitivas e “exóticas” pelo grupo hegemônico ocidental. Ela ainda trata da importância de saber reconhecer as diversas faces de uma história reconhecendo suas diferenças culturais.

Chimamanda Adichie reproduz o discurso da diferença e se vale das vivências pessoais para expor momentos de discussão e promover uma ressignificação do olhar sobre a Nigéria. Assim, pela compreensão própria da sua realidade, a escritora traz diversas histórias de representação, em busca da conscientização pela busca do conhecimento, pelo entendimento do ‘outro’ e de outros lugares. Enfatiza que é necessário sair do paradigma, do senso comum, da informação pronta, da história única sobre qualquer pessoa, lugar ou aspecto.

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda. **The danger of a single story**. 2009. Disponível em: <[http://www.ted.com/talks/lang/por\\_br/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story.html](http://www.ted.com/talks/lang/por_br/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html)>. Acesso em: 06/07/2017.
- ADICHIE, Chimamanda. **The Time Story**. 2010. Disponível em: <[http://books.google.com.br/books?id=eqLTizUhwAC&printsec=frontcover&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=true](http://books.google.com.br/books?id=eqLTizUhwAC&printsec=frontcover&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=true)>. Acesso em: 06/07/2017.
- ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.
- ALVES, Iulo Almeida; ALVES, Tainá Almeida. **O Perigo da História Única**. ISSN: 1646-3137. Disponível em: <<http://bocc.unisinos.br/pag/alves-alves-o-perigo-da-historia-unica.pdf>>. Acesso em 15/11/2013.

- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et al. 4ª ed. São Paulo: Unesp; Hucitec, 1993.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2005.
- BRAITH, Beth (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.
- BONNICI, Thomaz; ZOLIN, Lúcia Osana. (Org.). **Teoria Literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2009.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. DP&A: Rio de Janeiro, 2006.
- History of Nigeria**. Disponível em: <<http://www.nigeria.gov.ng/index.php/2012-10-29-11-05-46/history-of-nigeria>>. Acesso em: 26 nov. 2013.
- LAPLANTINE, F.; NOUSS, A. **A mestiçagem**. São Paulo, Terceira Margem.
- 2012PIEDADE, Maria Antonietta Requião. **Introdução à teoria da classificação**. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.
- ROCHA, João Cezar de. (Org.). **Teoria da ficção**: indagações à obra de Wolfgang Iser. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.
- SAID, E. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

**Artigo recebido em fevereiro de 2018.**  
**Artigo aceito em maio de 2018.**